Especial

OS DESENCONTROS ENTRE A MULHER DO POVO E AS MULHERES DO POVO – A ATUAÇÃO JORNALÍSTICA DE PAGU NO JORNAL O HOMEM DO POVO

Gisely Valentim Vaz Coelho Hime[1]

RESUMO: Na década de 1930, respondendo às inúmeras transformações que se processam nas relações da mulher com a sociedade, observa-se um crescimento de publicações, seções e suplementos femininos. Todos buscam dialogar com a "mulher moderna", seja para reforçar antigos valores e retardar os processos de mudança, seja para incentivar as novas imagens em circulação. Entre as seções femininas que surgem neste momento, está A Mulher do Povo, espécie de segundo editorial, assinado por Patrícia Galvão (Pagu), no jornal panfletário O Homem do Povo, editado por ela com Oswald de Andrade. Nestes textos, Pagu dialoga com os modelos de mulher e homem ideal, assinalando o que seriam as mazelas da sociedade de então e os entraves ao estabelecimento de uma nova ordem.

PALAVRAS-CHAVE: *Gênero. História. Jornalismo.*

ABSTRACT: In the 1930s, in response to the many transformations in women's relations with society, there was a growth of women's publications, sections and supplements. All seek to dialogue with the "modern woman", either to reinforce old values and slow the processes of change, or to encourage new images in circulation. Among the feminine sections that appear at this moment is A Mulher do Povo (The Woman of the People), kind of second editorial, signed by Patrícia Galvão, Pagu, in the pamphlet newspaper O Homem do Povo (Man of the People), edited by her with Oswald de Andrade. In these texts, Pagu dialogues with the bourgeois models of woman and ideal man, pointing out what would be the ills of society at the time and the obstacles to the establishment of a new order.

KEYWORDS: *Genre. History. Journalism.*

[1] Professora do Programa de Mestrado em Jornalismo do FIAM FAAM Centro Universitário. Bacharel em Jornalismo, Mestre e Doutora em Comunicação Social pela ECA/USP. E-mail: gisely.hime@fiamfaam.br

Introdução

Vários estudos sobre a mulher brasileira e, principalmente, sobre a operária da década de 1930, fazem referência a Patrícia Rehder Galvão, a escritora e ativista política conhecida por Pagu. Por sua atuação, ela encarnou as profundas mudanças nas relações da mulher com a sociedade, na primeira metade do século XX, período caracterizado pela conquista de novas posições no mercado de trabalho, antes restritas ao homem. Também é o momento de avaliar os ecos das vitórias feministas nos Estados Unidos e na Europa, mobilizando as brasileiras em discussões sobre direitos civis e cidadania. Em 1932, conquistam finalmente o direito ao voto, indo às urnas, pela primeira vez, dois anos depois. A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino pleiteará perante a Constituinte de 1934 a abolição de todas as restrições à capacidade jurídica, econômica e política da mulher, compreendendo: a) revogação dos dispositivos do Código Civil que limitam a capacidade da mulher casada; b) manutenção do princípio "a trabalho igual, salário igual", sem distinção de sexos, consignados no decreto nº 21.417, de 17 de maio de 1932; c) manutenção da completa igualdade dos direitos políticos entre os dois sexos, reconhecidos no Código Eleitoral vigente; e d) manutenção do princípio de nacionalidade independente da mulher casada.

Tantas alterações contribuem para a multiplicação de imagens femininas no seio da sociedade, refletindo o conflito por que passam as mulheres ao reverem suas identidades e conquistarem outras - imagens e conflitos que se refletem nas páginas da imprensa, sintonizada com o reposicionamento feminino. É nesse contexto que surgem iniciativas como a *Mulher do Povo*, seção assinada por Pagu, no jornal *O Homem do Povo*, que se dirige às militantes ou simpatizantes da causa comunista.

Lançado em São Paulo, por Oswald de Andrade e Pagu, em 1931, ano em que ambos se filiam ao Partido Comunista, *O Homem do Povo* marca a fase mais sectária e engajada da atuação política do casal. Reflete uma postura de adesão quase incondicional às "verdades" partidárias e ao proselitismo do Partido, como ressalta Augusto de Campos (O HOMEM DO POVO, 1985: 10). É, pois, um pasquim político e, como tal, de curta duração. Neste caso, aliás, curtíssima. Durou apenas oito números, publicados em 27, 28 e 31 de março e em 2, 4, 7, 9 e 13 de abril – o projeto previa a circulação às terças, quintas e sábados. Foi fechado pela polícia após violento confronto

entre o casal e estudantes de Direito do Largo São Francisco, que se sentiram ofendidos por alguns artigos em que a Faculdade era classificada como um dos "dois cancros de São Paulo" (O HOMEM DO POVO, 1985: 53) – o outro era o café.

Em formato tablóide, 48 X 34 cm., e seis páginas, era dirigido por Oswald, editado por Álvaro Duarte e secretariado por Queiroz Lima e Pagu, que também criava charges, ilustrações e vinhetas. Contou ainda com colaboradores esporádicos, como Galeão Coutinho que, nesta época, integrava a equipe d'*A Gazeta*, escrevendo crônicas na *Página Feminina*. Na maioria das vezes, assinavam com pseudônimos. Pagu, por exemplo, usava vários: Brequinha, Cobra, G. Léa, Irmã Paula, K.B.Luda e Mme. Chiquinha Dell'Osso. Mas, jamais na seção *A Mulher do Povo*. Lá era sempre Pagu.

Publicada sempre na página 2, a seção era uma espécie de editorial feminino, o contraponto do editorial escrito pelo "Homem do Povo", como se apresentava o próprio Oswald. Algumas vezes, ancorava pequenas notas e artigos sobre atitudes de estrangeiras e brasileiras, que merecessem louvor por sua importância para a mudança da sociedade ou que merecessem crítica por seu atraso – e estas eram muito mais freqüentes. Na maioria das vezes, contudo, vinha acompanhada de artigos que nada tinham a ver com a questão feminina, questão que era mais contemplada na seção de variedades *Palco, Tela e Picadeiro*, publicada na página 4 e também redigida por Pagu. Enquanto segundo editorial, *A Mulher do Povo* tratava dos mais diversos assuntos, sob a ótica feminina. E é nisso que pretendemos nos concentrar neste ensaio: como uma mulher, intelectual, que se coloca ao lado das operárias em sua luta, percebe o mundo. Pretendemos também avançar em algumas reflexões, utilizando *A Gazeta* apenas como contraponto – pois aqui não teríamos espaço para avançarmos numa análise comparativa -, investigando o porquê do insucesso junto à mulher do povo daquela que pretendia ser a sua voz, enquanto a voz da burguesia é aclamada. Escolhemos esse vespertino paulistano, por seu pioneirismo no lançamento da seção *Página Feminina* e por seu arrojo na proposição das temáticas relativas à mulher[2].

[2] *A Gazeta* defendeu vigorosamente o direito ao voto feminino, tendo se tornado Bureau de Cadastramento Eleitoral, após a promulgação da lei. O periódico chegaria ao final dos anos 1930 como um dos mais modernos da América Latina. Para maiores informações ver *Cásper Líbero e a modernização do jornalismo brasileiro*, de Gisely Hime (2016).

Foram oito as edições d'*O Homem do Povo* e oito foram os artigos d'*A Mulher do Povo*. Em linhas gerais, fazem críticas do ponto de vista marxista às "feministas de elite" e às classes dominantes. São críticas ácidas e destrutivas. Não valorizam nenhuma militante, não apontam caminhos para a construção da nova sociedade, não identificam nem incentivam novos comportamentos femininos. Apenas críticas.

O primeiro artigo, *Maltus Além*, acusa as feministas de atrapalhar o movimento revolucionário no Brasil. Dirige duras críticas a Maria Lacerda de Moura[3] e suas companheiras, principalmente no tocante ao controle da natalidade e à maternidade consciente. Estas duas questões tidas por este grupo feminista como fundamentais na emancipação da mulher são vistas por Pagu como secundárias, diante da verdadeira natureza dos problemas sociais. Afirma:

> Estas feministas de elite, que negam o voto aos operários e trabalhadores sem instrução, porque não lhes sobra tempo do trabalho forçado a que se têm que entregar para a manutenção dos seus filhos, se esquece [sic] que a limitação de natalidade quase que já existe mesmo nas classes mais pobres e que os problema todos da vida econômica e social ainda estão para ser resolvidos (O HOMEM DO POVO, 1985: 18).

Percebe-se aqui que, enquanto as feministas analisam o controle de natalidade como um instrumento que garantirá maior liberdade à mulher, dando-lhe direitos sobre seu próprio corpo, Pagu faz prevalecer os aspectos socioeconômicos, questionando o direito dos trabalhadores de poderem criar quantos filhos quiserem ter. Nesta leitura, busca também dissociar as feministas das lutas operárias, colocando-as como aliadas da elite e, portanto, inimigas dos trabalhadores.

Aliás, a formação cultural das moças burguesas – classe a qual pertenceriam as "feministas de elite" – seria outro fator aqui apontado como passível de atrapalhar o movimento revolucionário no Brasil. Essas moças beberiam do saber em "livrinhos de beleza, nas palavras estudadas dos meninos de baratinha, nos gestos das artistas de cinema mais em voga ou no ambiente semifamiliar dos cocktails modernos" (IDEM). Enquanto ridiculariza os hábitos da juventude burguesa, Pagu ignora a sólida formação

[3] Professora, escritora, uma das principais líderes feministas no período. Para maiores informações ver *Outra Face do Feminismo: Maria Lacerda de Moura*, de Miriam Moreira Leite (1984).

cultural que fez de Maria Lacerda de Moura, uma intelectual respeitada internacionalmente.

O segundo artigo, *A Baixa da Alta*, como o próprio título indica, volta ao ataque à elite brasileira, num discurso que dá como irrevogável a revolução:

> As festejadas e ilustres mamães de caridade desta vez despencaram das coleirinhas de veludo e brilhantes pra um mofo de riqueza suja, quotidiana. (...) E as meninas de Syon já são girls clandestinas. Todo o mundo sabe que a reviravolta fataliza. (...) Agitem bem suas escamas doiradas e casos de moeda até chegar o dia da sarabanda (O HOMEM DO POVO, 1985: 24).

A utilização gradativa dos verbos conjugados no tempo Passado, Presente e Futuro – "despencaram", "já são" e "até chegar" – cria no leitor a sensação de uma realidade que está sendo construída e não pode mais ser alterada. Ao mesmo tempo, ataca dois mitos do imaginário burguês: as figuras da mãe e da menina em puberdade, ambas associadas à pureza, ao imaculado. Além de explorar ironicamente o atributo da eterna disposição para a doação – as "mamães de caridade" -, utiliza o verbo "despencar" para literalmente derrubar a mãe burguesa do pedestal de idolatria em que vive, para cair, não nos braços da família amada mas, numa realidade cotidiana "suja", que em nada lembra o halo dourado em que se mergulha o dia-a-dia familiar, ainda que repleto de problemas. Por outro lado, usa a nata das meninas burguesas – as alunas do Colégio Sion – para destruir a imagem de pureza intocável que envolve as chamadas meninas-moças. Sem piedade, vincula-as ao que poderia existir na época de mais sujo no imaginário feminino burguês: as prostitutas.

Este discurso escatológico – aproveitem "até chegar o dia da sarabanda" – reitera o pensamento de Albert Hirschman (1992), em *A Retórica da Intransigência*: existe um patamar em que os discursos que se dizem progressistas se encontram com o retrógrados. Este patamar é o das mudanças sociais. Na ânsia de apressar as mudanças, muitas vezes, os progressistas utilizam-se de teses ameaçadoras, da mesma forma que os retrógrados fazem em busca de retardar as mesmas mudanças. E vão além: acabam ameaçando outros progressistas, porque não vêm as mudanças sob o mesmo prisma que eles.

É o que acontece no terceiro artigo, *O Retiro Sexual*. Bertha Lutz, Freud, padres, ninguém escapa das críticas. São todos considerados sob a mesma perspectiva,

independente das posições ideológicas defendidas, das atitudes e do comportamento. Insinua-se aqui até mesmo um preconceito muito comum entre os retrógrados contra as feministas – o de levantar suspeitas a respeito de sua feminilidade -, quando a mulata Berta Lux – que só poderia remeter à grande líder feminista Bertha Lutz – é responsável por afastar um homem de um retiro espiritual. Ora, existe símbolo mais evidente da sexualidade da mulher brasileira que a mulata? A religião, a ciência, o feminismo são vistos assim como sintomas de recalque e doença, em vias de superação pela nova ordem: "Agora que nós caminhamos (...) para uma época sem recalque e de moral biológica racionalizada, onde não existirão nem desvios sexuais, nem retiros físicos, Freud e o padre Manfredo podem pedir demissão" (O HOMEM DO POVO, 1985: 30).

As ácidas críticas contra a elite voltam no quarto artigo, retomando o tom apocalíptico do anúncio da nova ordem. Aproveitando a visita do Príncipe de Gales ao Brasil e as consequentes festas em sua homenagem, *Na Garupa do Príncipe* (O HOMEM DO POVO, 1985: 36) ridiculariza as disputas pela atenção do nobre inglês e também o próprio príncipe: "primeiro time do bagaço". A "alta classe" é vista como o "restinho sifilítico" de uma sociedade doente, cujos filhos se orgulham de casar com "cocotes analfabetas e cretinas das províncias da França, porque traziam um rótulo falsificado de Paris".

Acusar a elite de se prostituir, aliás, é um dos motes mais recorrentes nestes artigos. Em *Liga das Trompas Católicas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 42), as mães de famílias são acusadas de frequentar *garçonières*. Este texto é o mais agressivo de toda a série. A começar pelo título, que evidentemente ridiculariza a mais tradicional associação feminina católica. Suas integrantes são chamadas de "feras desiludidas", "velhas professoras", "hipócritas" e "mães idiotas", a pretexto do festival de declamação e modinhas por elas promovido. Tal evento – de "desafinações da moda" – teria, na verdade, o objetivo de favorecer o casamento de suas filhas, uma vez que promoveria o encontro com rapazes da burguesia. O casamento para elas, porém, apesar de visto como fundamental na vida de uma mulher – principalmente se um "bom" casamento, sinônimo de união com alguém de tradição e dinheiro -, era o próprio "caixão", onde enterravam a felicidade. Daí, as escapadas hipócritas às *garçonières*. Assim, tanto as mães, quanto as filhas seriam exemplos vivos de uma educação errada

"à la *Estado de S.Paulo* [sic]", jornal tradicional, representante da elite paulistana e seus valores.

Por trás de tudo isso, estaria a Igreja Católica e sua repressão à sexualidade. Retomando as insinuações de recalque, sublinhadas no artigo *O Retiro Sexual*, Pagu utiliza-se da sexualização da figura de Cristo: "cantam coisas de amor (...) sob as pernas de um Cristo muscular" (O HOMEM DO POVO, 1985: 30).

A questão sexual também está presente no último artigo da seção. Em *Normalinhas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 60), ao voltar a criticar as moças da elite, concentrando-se nas normalistas, símbolo da boa conduta, da pureza a que toda moça de família deveria aspirar, a jornalista contrapõe as moças liberadas sexualmente, ressaltando o preconceito que sofriam por assumirem abertamente um comportamento condenável pela sociedade. Acusa as normalistas de hipócritas por assumirem esse preconceito, quando, na verdade, frequentariam, às escondidas, *garçonières*. Tal atitude seria característica de sua ideologia burguesa, o que, aliás, sufocaria seu grande potencial de mudança, inato na juventude.

É interessante observar, porém, como essas críticas são feitas no mesmo tom ameaçador que o discurso burguês – tão execrado pela articulista e seus pares – apresenta quando se refere aos anarquistas, comunistas e outros opositores, levando-nos novamente às reflexões de Albert Hirschman. Observemos, por exemplo, quando se refere às visitas às *garçonières*: "É caso de polícia! O governo (...) devia intervir com uma dezena de grilos numas visitinhas pela casa corruptora! Com uma dúzia de palmadas elas se integrariam no verdadeiro caminho!" (IDEM). Poderiam ainda ser confundidas com os sermões religiosos, igualmente na berlinda: "Acho bom vocês se modificarem, pois que no dia da reivindicação social que virá, vocês servirão de lenha para a fogueira transformadora!" (IDEM).

Na sequência da ameaça, contudo, o texto faz um convite que é a única proposta construtiva identificada em toda a série de artigos:

> Se vocês, em vez dos livros deturpados que leem e dos beijos sifilíticos de meninotes desclassificados, voltassem um pouco os olhos para a avalanche revolucionária que se forma em todo o mundo e estudassem, mas estudassem de fato, para compreender o que se passa no momento, poderiam com uma convicção de verdadeiras proletárias, que não querem ser, passar uma rasteira nas velharias enferrujadas que

> resistem e ficar na frente de uma mentalidade atual como autênticas pioneiras do tempo novo (IDEM).

Este trecho é revelador dos princípios fundamentais da imagem de mulher que Pagu tem das moças burguesas e do novo modelo que propõe a elas. Em primeiro lugar, ressalta sua formação cultural que, como já sublinhamos em *Maltus Além*, seria superficial, buscando suporte em livros românticos e seguindo os pensamentos dos rapazes de seu nível social, vistos como imaturos e preconceituosos. A solução para isso seria se interessar pelos problemas socioeconômicos e estudar a literatura revolucionária, o que faz do processo de conscientização um processo meramente intelectual. Dessa forma, a chave para quebrar as amarras com a tradição, com uma mentalidade antiga, e se tornar um pioneira do tempo novo, uma mulher à frente do seu tempo, seria uma proletarização que passa, antes de tudo, pela cabeça e não pela aproximação com a realidade operária.

O texto termina convidando àquelas que não concordarem com as mudanças a "trocar bofetões" (IDEM) com Pagu, a exemplo dos estudantes de Direito. Tal alfinetada, assim como, a agressiva referência aos "sifilíticos meninotes desclassificados", remete aos dois artigos anteriores a este, em que Pagu, fazendo eco ao editorial de Oswald, tece pesadas críticas aos rapazes da elite, principalmente se estudantes do Largo São Francisco.

Em *Saibam Ser Maricons* (O HOMEM DO POVO, 1985: 48), a tônica é o comportamento sexual dos rapazes burgueses, acusados de serem, na maioria, maricas. Já *Guris Patri-Opas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 54) tenta atingir a questão ideológica, ressaltando a inconsciência da elite diante dos graves problemas socioeconômicos do País: "Não sabem nada do rumor que se levanta diante deles. Protegem os democráticos usurpadores em nome da igreja e não percebem o tumulto esfomeado que se levanta com mãos descarnadas pelo sofrimento, mas fortalecidas por uma ideologia" (IDEM).

A denúncia perde-se, contudo, numa profusão de xingamentos inflamados. Os estudantes são chamados de "garnizezinhos esganiçados", "imbecis", "filhinhos dos papais ricos", "cretinos das *matinées*", "guris idiotas". Diminuídos em sua capacidade de pensar por si só – como já indicam estes predicados -, seriam, na verdade, fruto do pensamento e da ação de seus pais: são as "petulantes ovelhas, empanturradas do leite

democrático que escorre das tetas amorfas de uma dúzia de cães de fila", são os "alcaiotes aguilhoados e amestrados por essa corja de coronéis civis, que lhes entope de pátrias e opas para que eles com a faixa auriverde esganicem vivas a [sic] terra dos pais" (IDEM).

Ao contemplarmos o conjunto de textos d'*A Mulher do Povo,* constatamos, pois, que a leitora, em vez de encontrar caminhos para assumir novos papéis na sociedade, fundamentados nos princípios ideológicos dos editores do jornal, só se depara com críticas severas a todos os modelos que tem como parâmetro de conduta. Acompanhemos essa trajetória da destruição.

Maltus Além (O HOMEM DO POVO, 1985: 18) ataca o modelo de mulher política, batalhadora nas lutas femininas, tomando por exemplo a figura da feminista, em Maria Lacerda de Moura. *A Baixa da Alta* (O HOMEM DO POVO, 1985: 24) ataca os modelos de mãe burguesa e de menina-moça. *O Retiro Sexual* (O HOMEM DO POVO, 1985: 30) volta ao ataque das feministas e atinge também os modelos de Ciência Moderna – na figura de Freud, que representaria uma das tendências de maior vanguarda na Medicina, a Psiquiatria – e de conduta moral, nas críticas à Igreja Católica que, na época, dá o tom aos princípios éticos e morais da sociedade brasileira. *Na Garupa do Príncipe* (O HOMEM DO POVO, 1985: 36) destrói o modelo de marido ideal, personificado no Príncipe de Gales – afinal, quantas mulheres, nos anos 1930, não sonhavam com encontrar seu príncipe encantado? O modelo de casamento burguês é o alvo de *Liga das Trompas Católicas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 42), que atinge também os modelos de mãe e de religião. O marido ideal volta a ser atingido em *Saibam Ser Maricons* (O HOMEM DO POVO, 1985: 48), desta vez, personificado na figura do bom moço da elite, com futuro promissor. Atacando também os rapazes da burguesia, *Guris Patri-Opas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 54) amplia um pouco o alvo, ao criticar toda a elite brasileira, apesar de concentrar as críticas nos homens. Mas não são eles que detêm o poder? O contraponto – a crítica às mulheres da elite – viria na sequência com *Normalinhas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 60), onde, mais uma vez, o assunto são as mães e as jovens.

Ao identificarmos os modelos criticados pel'*A Mulher do Povo*, pode parecer que atribuímos o insucesso da seção junto às leitoras[4] à discordância com tais críticas. Não é o caso. Não pretendemos aqui avaliarmos a pertinência das críticas ideológicas do jornal. Nosso interesse é verificar por que tais críticas não alcançaram o intento desejado, qual seja o de contribuir para a conscientização da mulher burguesa. Pois, pelas temáticas tratadas e aqui expostas, parece-nos que a seção a elas se dirige, muito mais do que às operárias.

Em apenas quatro dos oito artigos, Pagu explicita seu interlocutor, limitando-se, nos demais, a discorrer sobre o tema escolhido, sem se dirigir a alguém em especial. Nestes quatro em que é feita a identificação, a jornalista se dirige, em dois deles, à elite masculina e, nos outros dois, à elite feminina. A utilização dos verbos na terceira pessoa do plural é o recurso principal para caracterizar esse diálogo com o interlocutor, da mesma forma que os apostos e predicados que os acompanham nos servem de indicativos na identificação do interlocutor. Temos assim em *Saibam Ser Maricons* (O HOMEM DO POVO, 1985: 48) a acusação "Vocês aqui de S.Paulo fazem questão de ser dançarinas" (IDEM), num texto que trata dos "sobrinhos de ex-grandes damas" (IDEM). E, em *Guris Patri-Opas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 54), destaca-se o apelo: "continuem a gritar em nome de Deus, querubins enriquecidos à custa de espoliação" (IDEM). Por sua vez, *A Baixa da Alta* (O HOMEM DO POVO, 1985: 24) recomenda às senhoras da elite: "Agitem bem suas escamas doiradas e casos de moeda até chegar o dia da sarabanda" (IDEM). *Normalinhas* (O HOMEM DO POVO, 1985: 60) é ainda mais direta: "Acho bom vocês se modificarem" (IDEM).

O primeiro dos problemas editoriais identificados na seção, portanto, seria o da hesitação diante da identificação de um interlocutor. A quem Pagu fala? Qual sua realidade de vida? Quais seus interesses? Essas são perguntas fundamentais na determinação do sucesso de um produto jornalístico. É preciso ter bem claro qual o público que se pretende atingir. As revistas femininas que começavam a fazer sucesso na França, neste período, tinham estas respostas na ponta da língua. E seu modelo foi muito aproveitado no Brasil, como demonstram diversos estudos neste campo, entre os

[4] Nossa hipótese de insucesso baseia-se na própria análise de Augusto de Campos, no estudo introdutório da coletânea. Diz ele: "Paradoxalmente, o povo não leu *O Homem do Povo*. Leram-nos alguns intelectuais, os estudantes de Direito... e a polícia (...)" (CAMPOS, *In:* O HOMEM DO POVO, 1983:10).

quais, os de Dulcília Buitoni[5]. A *Página Feminina* – primeira seção feminina em jornal diário, lançada em São Paulo, em 1929 -, por exemplo, oferecia à leitora atenta que se dispusesse a acompanhá-la em seu primeiro mês após o lançamento, uma ideia clara de sua interlocutora: a mulher brasileira, especialmente a paulistana, que está atenta às modernidades no mundo todo e quer conquistar novos espaços, sem, entretanto, abandonar de todo seu antigo perfil. Da mocinha à mulher de meia idade lá encontrariam alguma informação de interesse. Por isso, na *Página Feminina*, idade aqui não era problema. A seção trazia reportagens tanto para a mulher que trabalhava fora, quanto para aquela que optara por cuidar da casa. E aqui está a diferença. Para *A Gazeta*, ser dona-de-casa, em 1929, já era uma opção e não uma obrigação[6]. Por sua vez, *A Mulher do Povo* traz a fala de uma jornalista que toma o partido da proletária, dirigindo-se, algumas vezes, a um público genérico, em outras, à elite, sem apresentar, contudo, nenhuma reflexão sobre as problemáticas vivenciadas pela mulher burguesa que estivesse disposta a rever seus valores e, com isso, seu posicionamento político e social, tampouco, motivando tal disposição para mudar. Por outro lado, também não reflete sobre as problemáticas vivenciadas pela operária em seu trabalho e em sua família, ao exercer os papéis de filha, esposa e mãe. Daí o primeiro entrave na aproximação do veículo com o leitor.

Ao nos questionarmos sobre os interesses da leitora de Pagu, cabe outra reflexão fundamental para investigarmos as possíveis razões do insucesso d'*A Mulher do Povo*. Os interesses de um indivíduo remetem-nos sempre às suas referências de comportamento, seus modelos. Se alguém se interessa por culinária, por exemplo, acaba construindo em seu imaginário um modelo do cozinheiro ideal, que opta por determinadas práticas em detrimento de outras, tem preferência por determinados ingredientes e utensílios, e assim por diante. O sucesso das revistas femininas está fundamentalmente atrelado à escolha do modelo certo para a leitora certa, como demonstra Evelyne Sullerot (1963) em sua análise da trajetória da imprensa feminina francesa. Este segmento, aliás, até hoje utiliza com frequência o recurso de identificar os

[5] Para aprofundar essas informações, ver Dulcília Buitoni, em *Mulher de Papel: a Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira* (1980) e *Imprensa Feminina* (1986).

[6] Para maiores informações ver *Cásper Líbero e a modernização do jornalismo brasileiro*, de Gisely Hime (2016: 223-226).

"sonhos" da leitora, incentivando com isso a evasão do real e a consequente alienação dos problemas sociais e políticos – no que é muito criticada. Também dos sonhos-modelos partem as "fórmulas mágicas" que tudo solucionam, levando à banalização dos problemas – outra crítica comum à imprensa feminina (LUGAN & DARDIGNA, 1978).

Tomando novamente a *Página Feminina* como ilustração e considerando como exemplo o esporte, um campo inovador, na época, em se tratando de mulheres brasileiras, visto com muito preconceito, podemos identificar uma flexibilização extrema nas sugestões realizadas. A dona-de-casa padrão que quisesse se arriscar em um pequeno gesto de arrojo, poderia praticar exercícios, enquanto cuidava da casa e ter assim garantida sua saúde. Já as moças mais "avançadas" poderiam se inscrever no primeiro Campeonato Feminino de Atletismo de São Paulo, promovido pelo jornal em 1929[7]. Dessa forma, a seção oferecia novos modelos à substituição de antigos e, quando isso não era possível, sugeria pequenas alterações nos antigos, alterações que podiam ser intensificadas gradativamente, culminando na total substituição do modelo.

Por sua vez, *A Mulher do Povo* em sua "trajetória da destruição", aniquilava os modelos vigentes, sem oferecer alternativas: nem modelos novos, nem pistas para se chegar a eles. A única pista dada, em toda a série de textos, para se tornar uma "autêntica pioneira do tempo novo" (O HOMEM DO POVO, 1985: 60) é estudar. Estudar "para compreender o que se passa no momento" (IDEM). Mas estudar o quê? Que livros, que autores?

Não negamos o arrojo da iniciativa editorial de Pagu. Nesta época, são raríssimas as mulheres que se lançam num empreendimento jornalístico. Por outro lado, a mulher brasileira não tem muitas opções de leitura. Pode escolher entre *A Cigarra*, *Revista Feminina*, *Renascença* e *O Cruzeiro*, além de *A Senhorita*, com moda e penteados, *A Vida Galante*, semanário ilustrado, e *Revista Ilustrada*, que incluía no seu "cardápio" temáticas femininas, além da *Página Feminina*, d'*A Gazeta*. O que nos chama a atenção, neste breve estudo de caso, é que apesar do talento de Oswald e de Pagu, *O Homem* e *A Mulher do Povo* ficaram devendo a seus leitores uma proposta construtiva, que os ajudassem a encontrar novos modelos, para aí então efetivar a tão sonhada mudança na ordem social, política e econômica brasileira vigente.

[7] Para maiores informações ver *Cásper Líbero e a modernização do jornalismo brasileiro*, de Gisely Hime (2016: 216-226).

Referências

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1980.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Imprensa Feminina**, São Paulo, Ática, 1986.

_____. **Mulher de Papel:** a Representação da Mulher na Imprensa Feminina Brasileira, São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/USP, 1980.

COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (org.). **Uma Questão de Gênero**, Editora Rosa dos Ventos/Fundação Carlos Chagas.

DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua:** Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil, São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Fruto Proibido:** um Olhar sobre a Mulher, São Paulo, Pioneira, 1992.

HAHNER, June E. **A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937**, São Paulo, Editora Brasiliense, 1981.

HIME, Gisely Valentim Vaz Coelho. **Cásper Líbero e a modernização do jornalismo brasileiro**. Curitiba: Appris Editora, 2016.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**, Editora Cultrix, São Paulo, 1969.

LEITE, Miriam Moreira. **Outra Face do Feminismo:** Maria Lacerda de Moura, São Paulo, Editora Ática, 1984.

LUGAN, Anne-Marie & DARDIGNA, Anne-Marie. **La Presse Féminine:** Fonction Idéologique, Paris, F. Maspero, 1978.

MASCARO, Sonia de A. **A Revista Feminina:** Imagem de Mulher, São Paulo, dissertação de mestrado, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), 1982.

MOTA, Carlos Guilherme & CAPELATO, Maria Helena. **História da Folha de S.Paulo: 1921-1981**, São Paulo, Impres, 1981.

O HOMEM DO POVO: **coleção completa e fac-similar de jornais escritos por Oswald de Andrade e Patrícia Galvão (Pagu)**. 2ª ed., São Paulo, Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1985

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e Leitura**, São Paulo, Editora Unicamp e Cortez Editora, 1988.

_____. **A Linguagem e o seu Funcionamento**, São Paulo, Editora Unicamp e Cortez Editora, 1983.

SULLEROT, Evelyne. **La Presse Féminine**, Paris, Armand Colin, 1963.

WHITAKER, Dulce. **Mulher & Homem** - O Mito da Desigualdade, São Paulo, Editora Moderna, 1988.